

**PRÁTICA EXPLORATÓRIA:
O RELATO DE EXPERIÊNCIA
DE UMA PROFESSORA INICIANTE DE INGLÊS**

Ludmyla Picanço Ayala (UEMS)

ludmylaayala@hotmail.com

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

**Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática [...]
A prática docente crítica, implicante do pensar certo,
envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fa-
zer e o pensar sobre o fazer. (FREIRE, 1996, p. 43)**

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é compartilhar minha experiência com a prática exploratória, como professora iniciante de um curso particular de inglês, localizado em Campo Grande (MS), mostrando que é um caminho possível de ensino, aprendizagem e reflexão. Segundo Miller (2006), a prática exploratória é uma forma de ensinar e aprender que encoraja os participantes de sala de aula a olhá-la como uma fonte inesgotável de questões (*puzzles*) a serem investigadas, buscando gerar entendimentos sobre as práticas pedagógicas naquele contexto. Através dos “porquês” que fazia a mim mesma após as aulas, tornei-me uma professora mais segura, consciente, questionadora e investigativa sobre o meu fazer em sala de aula e sobre os meus alunos.

Palavras-chave: Práticas exploratórias. Ensino de inglês. Língua inglesa. Ensino.

1. Introdução

Este artigo traz os entendimentos parciais do trabalho que vem sendo desenvolvido pelas autoras, enquanto orientanda e orientadora no Programa de Iniciação Científica na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, vinculado ao Projeto de Pesquisa da professora, intitulado “Experiência Reflexiva de Futuros Professores de Inglês sob o viés da Prática Exploratória”.

A fim de priorizar a compreensão dos acontecimentos nasala de aula da orientanda e melhorar a qualidade de vida dos envolvidos nesse processo de formação de professores (GIEVE & MILLER, 2008), em nossos encontros, temos mantido constantes diálogos entre teoria e prática, de forma contextualizada, próprios da abordagem metodológica baseada nos princípios da prática exploratória (ALLWRIGHT & HANKS, 2009).

Esses encontros têm gerado, na graduanda, o desenvolvimento da autonomia, da autoconfiança e da atitude crítica, em relação às situações reais de ensino com as quais se depara, cotidianamente, ao ministrar aulas de inglês, em um curso particular de idiomas.

Segundo Miller (2006), a prática exploratória é uma forma de ensinar e aprender que encoraja os participantes de sala de aula a olhá-la como uma fonte inesgotável de questões a serem investigadas, em forma de “porquês” (*puzzles*), buscando gerar entendimentos sobre as práticas pedagógicas naquele contexto.

Concernente a esta pesquisa, observamos que os “porquês” que a orientanda vem se fazendo, depois de cada aula ministrada, têm contribuído para que se torne mais segura, consciente, questionadora e investigativa, no que se refere ao seu fazer pedagógico e aos seus alunos.

Diante disso, o objetivo desta pesquisa é compartilhar a experiência da referida graduanda do curso de letras da UEMS, enquanto orientanda do Projeto de Iniciação Científica, ao mesmo tempo, professora iniciante de um curso particular de inglês, localizado em Campo Grande, em Mato Grosso do Sul, mostrando que a prática exploratória é um caminho possível de ensino, aprendizagem e reflexão.

Destaca-se a relevância desta pesquisa, uma vez que acreditamos que o compartilhamento das reflexões e diálogos sobre as nossas práticas pode contribuir para encorajar outros professores na busca dos seus próprios entendimentos.

2. A prática exploratória

Em 1991, Dick Allwright, professor da Universidade de Lancaster, na Inglaterra, veio ao Brasil para ensinar professores de um curso de inglês, localizado no Rio de Janeiro, a desenvolver pesquisas científicas sobre suas salas de aula.

Em contato com os docentes, percebeu que estavam estressados, cheios de dúvidas sobre as suas práticas pedagógicas e intrigados com questões como: “Por que os alunos não falam inglês em sala de aula?” “Por que as minhas aulas não parecem estimulantes aos alunos?”

Assim, pensando Allwright nos questionamentos desses professores, concebeu o conceito de prática exploratória, uma alternativa às práticas tecnicistas de pesquisa e ensino da época, baseado em questões intri-

gantes, *ospuzzles*, que buscam conduzir investigações com o foco na qualidade de vida em sala de aula, aos envolvidos no processo.

A prática exploratória obedece a sete princípios básicos, a saber: colocar a “qualidade de vida” em primeiro lugar; trabalhar para entender a vida na sala de aula; envolver todos neste trabalho; trabalhar para a união de todos; trabalhar também para o desenvolvimento mútuo, a fim de evitar que o trabalho esgote seus participantes; integrar este trabalho para o entendimento com as práticas da sala de aula e, finalmente, fazer com que o trabalho seja contínuo, não uma atividade dentro de um projeto.

Os princípios da prática exploratória não funcionam como receitas prescritivas e sim "práticas investigativas locais" desenvolvidas por professores e alunos ou quaisquer outros envolvidos, que considerem à compreensão de seus questionamentos, enquanto estão envolvidos nas suas atividades regulares, do dia a dia.

Vale ressaltar que a expressão "qualidade de vida" para o autor não está relacionada às experiências positivas ou negativas dos professores, mas à busca para entender o que está acontecendo na sala, sem sobrecarregar os praticantes (GIEVE & MILLER, 2008).

Nesse processo indefinidamente sustentável e que não pretende levar os envolvidos ao estado de esgotamento, os praticantes usam suas atividades pedagógicas cotidianas como ferramentas investigativas.

As atividades exploratórias pedagógicas devem ser inseridas no cotidiano do professor e de seus alunos, além de não ter o propósito de solucionar problemas ou provocar mudanças, já que essas vão ocorrer naturalmente.

Segundo Allwright e Hanks (2009, p. 166-167), a prática exploratória contribui para o processo de ensino e aprendizagem em si mesmo, bem como para o desenvolvimento, individual e coletivo dos praticantes, que passam a trabalhar de forma colaborativa.

3. Os praticantes exploratórios da pesquisa

A professora orientadora, coautora deste artigo, é responsável pelas orientações de quatro alunos-professores, também acadêmicos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Três deles lecionam inglês no NEL (Núcleo de Ensino de Línguas), o curso de extensão da universidade. A quarta aluna-professora, autora deste artigo, já trabalhou no setor administrativo do Núcleo de Ensino de Línguas, mas hoje, leciona em um curso particular de inglês.

Um dos alunos-professores leciona no Núcleo de Ensino de Línguas desde o ano passado; os três outros são iniciantes em suas práticas profissionais. Todos dão duas aulas por semana em cada turma.

Pela proximidade das atividades pedagógicas e para fomentar a troca de conhecimentos, um dos princípios da prática exploratória, a professora orientadora, vem se reunindo com seus quatro orientandos, semanalmente.

4. *O relato da pesquisadora-orientanda*

Neste subcapítulo, o texto será redigido em primeira pessoa do singular, já que se trata do relato da aluna-professora e autora do artigo. Em suas palavras:

Durante os primeiros anos da graduação em letras, a ideia de ser professora de inglês era, ao mesmo tempo, desejo e preocupação.

Ficava assustada quando ouvia as críticas ao nosso sistema educacional brasileiro, feitas pelos colegas que já lecionavam.

Reconheço que o ensino seja um desafio, mas, na época, não acreditava que os problemas eram tantos ou tão difíceis de serem resolvidos.

No começo deste ano de 2015, cursando o quarto ano de letras na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, comecei a lecionar inglês, em um curso particular.

Nos primeiros dias, apesar de feliz pela oportunidade de estar exercendo a profissão dos meus sonhos, antes mesmo de estar formada, senti-me um tanto insegura para enfrentar uma sala de aula real.

Encontrava-me receosa para enfrentar os alunos e, por isso, me perguntava:

Será que os alunos vão perceber que não tenho experiência?

Será que vou saber lidar com os problemas que surgirem em sala de aula?

Será que estou mesmo preparada para exercer a função de professora de inglês?

E se os alunos perguntarem sobre o significado de uma palavra e eu não souber responder? Como devo proceder nesse caso?

E se os alunos forem indisciplinados? Como devo lidar com a indisciplina em sala?

Foi quando fui convidada a ser orientanda de Iniciação Científica da professora responsável pelo “Grupo de Prática Exploratória” na universidade e, conseqüentemente, convidada a participar do grupo com os outros três praticantes, alunos-professores do Núcleo de Ensino de Línguas, do qual já havia feito parte, em função administrativa.

Assim, desde então, vimos nos reunindo semanalmente. As reuniões têm sido enriquecedoras para mim e para todos os praticantes, como nos chamamos.

Nós quatro, alunos-professores, somos encorajados a escrever diários reflexivos ao final de cada aula ministrada por nós. Nesses diários, registramos os nossos questionamentos, as nossas inquietações e os nossos entendimentos, que deverão ser compartilhados e discutidos coletivamente nas nossas reuniões de prática exploratória semanal.

Além dos nossos diários reflexivos, somos encorajados a preparar leituras de textos ou artigos, sugeridos pela professora orientadora.

As reuniões têm uma dinâmica diferente de qualquer experiência tida por qualquer um dos quatro alunos-professores.

As posições das cadeiras onde sentamos variam: ora estão lado a lado, para que trabalhemos em dupla, ora em círculo, para que trabalhemos em um grupo maior. Algumas vezes, trabalhamos em pé e muitas vezes simulamos uma sala de aula.

Usamos materiais variados, como giz, folhas, cartolinas, canetas e *post-it* coloridos, para estimular a visualização dos nossos puzzles.

Usamos a internet, discutimos sobre o que acontece em nossas salas de aula e fazemos relações com os acontecimentos atuais do mundo, veiculados pela mídia.

Com frequência, o *puzzle* de um praticante passa a ser o *puzzle* de outros também. Por meio desse rico processo de troca de experiências, todos se beneficiam.

A formulação dos primeiros *puzzles*, pedido pela professora orientadora foi tarefa fácil para mim. Compartilhei aquelas perguntas que já estavam me intrigando, mesmo antes de entrar na minha sala de aula de Inglês.

Foi quando a professora me estimulou a colocar os meus medos, em forma de “porquês”.

Minhas perguntas foram reformuladas e as minhas inquietações iniciais, transformadas:

A primeira pergunta: “será que os alunos vão perceber que não tenho experiência?” passou a ser: “Por que devo ter medo de parecer uma professora iniciante, já que existe uma primeira vez para todo mundo?” “Por que os alunos pensam que uma professora iniciante é, necessariamente, uma professora ruim?”

A segunda pergunta: “Será que vou saber lidar com os problemas que surgirem em sala de aula?” passou a ser: “Por que devo recear os problemas, se fazem parte da vida e se é com eles que aprendemos?”

A terceira pergunta: “Será que estou mesmo preparada para exercer a função de professora de inglês?” foi reformulada para: “Por que acreditar no mito de que, se estivermos preparados para enfrentarmos uma sala de aula, estaremos livres das adversidades cotidianas?”

A quarta pergunta: “E se os alunos perguntarem sobre o significado de uma palavra e eu não souber responder?” passou a ser: “Por que achamos que, algum dia, saberemos o significado de todas as palavras de um idioma, seja na nossa língua ou em uma estrangeira?”

Finalmente, a quinta pergunta: “E se os alunos forem indisciplinados?” foi reformulada para: “Por que temer a indisciplina?”

Abordamos esses assuntos nas nossas discussões e lemos vários artigos sobre eles.

Percebi que meus medos e questionamentos eram os mesmos dos meus colegas e então, não estava sozinha. Entendi que ter compartilhado minhas inquietações e refletido em grupo sobre os meus “porquês”, tinha me ajudado a desmistificar alguns mitos que nem sempre são abordados nas aulas da graduação.

Nossas reuniões vêm acontecendo semanalmente. Os ganhos têm sido muitos e são reconhecidos por todos os praticantes.

Hoje, sinto-me uma professora mais segura e confiante. Os “porquês” que venho me fazendo após as aulas têm contribuído para eu me tornar uma professora mais segura, consciente, questionadora e investigativa sobre o meu fazer em sala de aula e sobre os meus alunos.

5. Considerações finais

Embora o limitado espaço do artigo não nos permita discorrer, com mais detalhes, sobre toda a riqueza oferecida pelo trabalho reflexivo, colaborativo e exploratório que vem sendo desenvolvido, acreditamos que o relato da aluna-professora tenha sido suficiente para confirmar que a prática exploratória é um caminho possível de ensino, aprendizagem e reflexão.

Além disso, como tal, acreditamos que pode ser praticado nos cursos de formação inicial, bem como nos programas de formação continuada de professores.

As atividades reflexivas desenvolvidas em nossas reuniões têm sido oportunidades de construção de conhecimentos importantes na formação de cada professor praticante. Os entendimentos vêm acontecendo a partir dos nossos questionamentos e são registrados nos diários reflexivos. Nossas práticas pedagógicas deixaram de estar distanciadas das acadêmicas.

Estamos, aos poucos, lidando com os nossos medos e receios. Já entendemos que não há processo reflexivo sem conflitos.

Todos nós, praticantes, vimos amadurecendo como professores e pesquisadores, e nos tornando mais seguros, reflexivos e investigativos. Vimos ganhando qualidade de vida, trabalhando para entender a nossa sala de aula, trabalhando para a união de todos e para o desenvolvimento mútuo, evitando o nosso esgotamento, integrando o trabalho de entendimento às práticas de sala de aula e, finalmente, fazendo com que nossas práticas sejam contínuas e não atividades dentro de um projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLWRIGHT, D.; HANKS, J. *The developing language learner: an introduction to exploratory practice*. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

FREIRE, P., *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática edu-*

cativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIEVE, S.; MILLER, I. K. What do we mean by “quality of classroom life”? In: ____; _____. *Understanding the language classroom*. London: Palgrave Macmillan, 2008, p. 18-46.

MILLER, I. K. *Prática exploratória*. Disponível em:
<http://praticaexploratoria.blogspot.com/2006_12_01_archive.html>.
Acesso em: 03-03-2015.